

---

## **O julgamento de Moscovo foi justo<sup>1</sup>**

### **I**

#### **D.N. Pritt<sup>2</sup>**

Estudei o processo legal em casos criminais na Rússia Soviética de uma forma bastante cuidadosa em 1932, e concluí (como publicado na altura em *Doze Estudos na Rússia Soviética*) que os procedimentos proporcionaram aos arguidos um julgamento muito justo. Ao saber pelos meus amigos juristas em Moscovo, quando lá voltei neste Verão, que as principais alterações realizadas ou que estavam iminentes iam todas na direcção de conceder maior independência à barra dos tribunais e aos juízes e maiores facilidades aos réus, fiquei particularmente interessado em poder presenciar o julgamento de Zinóviev, de Kámenev e outros que teve lugar em Agosto de 1936.

Do ponto de vista do advogado, do político ou do cidadão comum, este era um teste muito bom do sistema.

A acusação era das mais graves. Um grupo de homens, quase todos haviam obtido altos méritos pelos seus serviços em várias etapas da alvoroçada e tumultuosa história da Rússia Soviética que ainda não tem duas décadas, quase todos haviam estado sob alguma medida por suspeita de actividades contra-revolucionárias ou desviacionistas, e a maior parte deles havia sido indultada de tais actividades no passado contra garantias de lealdade no futuro, era agora acusado de longa conspiração, friamente premeditada para levar a cabo o assassinato de Kírov (que efectivamente foi morto em Dezembro de 1934), de Stáline, de Vorochílov e de outros líderes proeminentes.

O seu objectivo, assim parecia, era meramente tomar o poder para si próprios, sem qualquer pretensão de que dispunham de algum apoio substancial no país e sem qualquer política real ou filosofia para substituir o Socialismo Soviético existente.

Com todas as suas dificuldades e carências, com toda a oposição militar ou comercial do mundo exterior, o Socialismo Soviético transformou em apenas 19 anos um Estado Asiático extremamente atrasado num Estado de importância mundial, com um grande poderio industrial e, acima de tudo, com um padrão de vida que, partindo algures próximo do nível dos povos mais deprimidos da Índia, já ultrapassou o de muitas raças da Europa de Leste e que em breve pedirá meças com os povos mais favorecidos do Ocidente industrial.

E a acusação contra aqueles homens não foi simplesmente feita. A acusação foi admitida, admitida por homens, a maioria dos quais, como mostravam os seus antecedentes, possuía coragem moral e física capaz de os defender de uma confissão sob pressão. Mas em nenhum

---

<sup>1</sup> Este texto foi publicado pela primeira vez em 1936, juntamente com a contribuição de Pat Sloan, numa brochura de 15 páginas, editada por *Russia Today, Friendship House, Little James Street Londres, W.C.I.* (Nota do Editor).

<sup>2</sup> Denis Nowell Pritt (1887-1972), advogado, membro do Partido Trabalhista desde 1918, é eleito deputado em 1935. É expulso do *Labour* em 1940 por defender a invasão da Finlândia pelo Exército Vermelho. Autor de dezenas de livros e brochuras, membro do Conselho Mundial da Paz, é galardoado com o prémio Stáline em 1954 e torna-se cidadão honorário da cidade de Leipzig em 1957. Pritt tinha o título de Conselheiro do Rei (KC). (Ver nota biográfica mais detalhada em <http://www.hist-socialismo.com/docs/OJulgamentodeZinoviev.pdf>). (Nota do Editor).

momento houve da parte deles qualquer insinuação de que algum tipo de tratamento incorrecto foi usado para os persuadir a confessar.

A primeira coisa que me chamou a atenção, como advogado inglês, foi o comportamento quase descontraído dos prisioneiros. Todos tinham bom aspecto; todos eles se levantavam e falavam, por vezes durante muito tempo, sempre o desejavam (de resto, movimentavam-se pela sala quando queriam, acompanhados por um guarda).

As poucas testemunhas chamadas pela acusação foram interrogadas pelos arguidos implicados nos seus depoimentos com a mesma liberdade que teriam tido na Inglaterra.

Voluntariamente, os arguidos renunciaram a um advogado; podiam ter tido gratuitamente um advogado de defesa se o tivessem desejado, mas preferiram dispensá-lo. E tendo em conta as suas declarações de culpa e a capacidade de cada um de se exprimir, comparável na maior parte dos casos à verdadeira eloquência, provavelmente não foram prejudicados pela sua decisão, revelando-se tão capazes como são alguns dos meus colegas de Moscovo.

A novidade talvez mais surpreendente para um advogado inglês foi o modo tranquilo como os réus intervieram, um e após outro, no decurso dos interrogatórios de cada um dos acusados, sem qualquer objecção por parte do tribunal ou do procurador, ficando-se assim com a impressão de um debate vivo e expedito entre quatro pessoas, o procurador e três arguidos, todos falando em conjunto, quando não ao mesmo tempo – um método que, apesar de impossível com um júri, é certamente propício ao esclarecimento de divergências com alguma rapidez.

De longe mais importantes, no entanto, mesmo que menos surpreendentes, foram os discursos finais.

De acordo com a lei soviética, os réus têm a última palavra – 15 discursos depois de a acusação ter tido a última oportunidade de dizer alguma coisa.

O procurador do Ministério Público, Vichínski, falou em primeiro lugar. Falou durante quatro ou cinco horas. Fazia lembrar um homem de negócios britânico, muito inteligente e de modos brandos.

Falou com vigor e clareza. Raramente elevou a voz. Nunca se empolou, gritou ou bateu sobre a mesa. Raramente olhou para o público, nunca pretendeu dar nas vistas.

Disse coisas fortes; chamou os acusados de bandidos e de cães raivosos e sugeriu que deveriam ser exterminados. Mesmo num processo tão grave como este, alguns procuradores ingleses talvez não tivessem falado tão decididamente; mas em processos menos graves muitos advogados de acusação ingleses têm usado palavras bem mais duras.

Não foi interrompido pelo tribunal ou por qualquer dos réus. O seu discurso foi aplaudido pelo público e nenhuma tentativa foi feita para impedir os aplausos.

Isto pode parecer bizarro para a mente inglesa, mas onde não há um júri tal comportamento não pode provocar muito dano, e foi visível durante todo tempo que os esforços do Tribunal, usando um pequeno sino, para conter os risos provocados quer pelas réplicas dos réus, quer por outros incidentes, não eram imediatamente bem sucedidos.

Mas veio então o teste final. Os 15 homens culpados, que tinham procurado derrubar o Estado soviético, tiveram o direito de falar; e eles falaram.

Alguns muito longamente, outros brevemente, uns argumentando, outros com algumas alegações de defesa; a maioria com eloquência, alguns com emoção; uns dirigindo-se deliberadamente ao público na sala apinhada, outros virando-se para o tribunal.

Mas todos disseram o que tinham a dizer.

Não tiveram qualquer interrupção da parte do procurador, e não mais do que raramente uma ou duas palavras da parte do tribunal; e o próprio público manteve-se sentado tranquilamente, não manifestando nenhuma da repulsa que deve ter sentido.

Os acusados falaram sem perturbações ou interferências.

Com a condução bem sucedida deste processo, as autoridades da URSS podem ter dado um grande passo para a erradicação das actividades contra-revolucionárias.

Mas é igualmente claro que os órgãos judiciais e a procuradoria da URSS deram, pelo menos, um grande passo para confirmar a sua reputação face aos sistemas legais do mundo moderno.

## II

**Pat Sloan<sup>3</sup>**

*recentemente regressado após cinco anos na URSS*

Sempre que tem lugar um grande julgamento na URSS, há grande agitação na imprensa mundial. Isto é natural, em qualquer país os grandes julgamentos são notícia, mas quando o julgamento tem a característica adicional de ser «bolchevique», aumentam as possibilidades de se tornar um pretexto para todo o tipo de calúnias anti-soviéticas, credíveis ou não.

E o julgamento que acabou de ser concluído não é excepção. Desta vez, é particularmente sensacional: a) porque os principais acusados eram conhecidos ex-membros do Partido Bolchevique; b) porque, relacionado com o novo projecto de Constituição, a imprensa capitalista de todos os países está ávida de artigos que possam diminuir o significado deste importante documento; e c) porque a ofensiva fascista contra a Paz e a Democracia está actualmente numa fase crítica.

Como todos os grandes julgamentos soviéticos anteriores, este tem sido declarado como uma «maquinação». Mas tal como o acesso de cólera do senhor Alan Monkhouse no tribunal, durante o famoso julgamento da *Metro-Vickers*,<sup>4</sup> alegando que se tratava de uma «maquinação» nunca foi demonstrado pela mínima prova, também hoje, a acusação de «maquinação» continua por demonstrar no mais ínfimo aspecto.

As declarações mais graves e também as mais caluniosas que têm aparecido na imprensa são: a) que Stáline se encontra agora sozinho, tendo «assassinado» toda a «velha-guarda bolchevique»; b) que o julgamento foi uma «maquinação» porque todos os réus confessaram a sua culpa; e que c) este julgamento diminui o significado do novo projecto de Constituição.

Se examinarmos a actual direcção no Partido Bolchevique e as personalidades que ocupam os principais cargos, constatamos que praticamente todos são bolcheviques há mais de 30 anos. Por conseguinte, trabalharam com Lénine ao longo de cerca de vinte anos. Consideremos apenas estes:

Kalínine, presidente da URSS desde 1922, era um operário metalúrgico. Aderiu ao Partido em 1898 (ainda antes de ter sido adoptado o nome de «Bolchevique»), é membro do Comité Central do Partido desde 1919. Mólotov, presidente do Conselho de Comissários do Povo, é membro do Partido desde 1906, foi membro do Bureau Russo do Comité Central em 1919, secretário do Partido Comunista da União Soviética nos anos 20, foi um dos colaboradores mais próximos de Lénine. Ordjonikídze, comissário da Indústria Pesada, membro do Partido desde 1903, foi eleito para o Comité Central em 1912, desempenhou um papel activo na condução da Revolução no Cáucaso. Vorochílov, comissário da Defesa, era operário quando aderiu ao Partido em 1903, teve um destacado papel na Guerra Civil e foi então eleito para o Comité Central do Partido. Káganovitch, operário dos curtumes que aderiu ao Partido em 1911.

---

<sup>3</sup> Pat Sloan (1908-1978), economista formado pela Universidade de Cambridge, membro do Partido Comunista Britânico e secretário-geral da Sociedade de Amizade Soviético-Britânica. Viveu e trabalhou na URSS entre Setembro de 1931 e Junho de 1936, é autor de vários artigos e de uma dezena de livros sobre economia e sobre a realidade soviética, designadamente a obra *Soviet Democracy* (V. Gollancz, Londres, 1937), que analisa a Constituição da URSS aprovada em 1936. (Nota do Editor)

<sup>4</sup> Trata-se do processo de sabotagem e espionagem que envolveu a *Metropolitan-Vickers Co. Limited*, companhia britânica que forneceu turbinas e outro material defeituoso para centrais eléctricas da região de Moscovo. A par de um grupo de funcionários soviéticos do Ministério da Indústria Pesada, em Março de 1933 foram igualmente detidos quatro engenheiros britânicos, entre os quais Alan Monkhouse, suspeitos de sabotagem na instalação incorrecta dos equipamentos. Interrogado pelos órgãos de segurança, Monkhouse admitiu a existência de material defeituoso, erros técnicos e actividades consideradas pela lei soviética como espionagem industrial. Apesar disso foi libertado pelas autoridades soviéticas. (Nota do Editor)

Assim, o mais jovem destes dirigentes trabalhou sob a direcção de Lénine durante pelo menos dez anos, e a maior parte deles durante 20 anos, tendo agora 30 anos de Partido. Será justo afirmar que Stáline ficou sozinho e que a «velha guarda» foi eliminada? Bem, mas pode argumentar-se que agora só estão no poder aqueles que estavam em posições minoritárias quando Lénine estava vivo.

Vejamos então dois indivíduos que trabalharam até 1917 em estreita ligação com Lénine. Pessoas que estiveram em postos de direcção. Examinemos os antecedentes destas pessoas. Em 1917, quando o Partido preparava a insurreição armada, dois intelectuais, Kámenev e Zinóviev, opuseram-se à insurreição no Comité Central. Depois de derrotados, manifestaram a sua oposição na imprensa – e revelaram ao Governo os planos dos bolcheviques. Nessa altura, Lénine escreveu: «Consideraria lamentável da minha parte se, devido às minhas antigas relações próximas com estes antigos camaradas, eu não os condenasse. Declaro categoricamente que não considero mais como camaradas nenhum deles e que eu irei lutar com todas as minhas forças, tanto no Comité Central como no Congresso, para garantir a expulsão de ambos do Partido (...) Deixem os senhores Zinóviev e Kámenev fundar o seu partido com dezenas de pessoas desorientadas (...) Os trabalhadores não se juntarão a um tal partido (...)»

Descobrimos assim que dois intelectuais que tinham tido «antigas relações próximas» com Lénine antes de Outubro de 1917, e que são agora aclamados pelo *Daily Mail* e pelo *Daily Herald* como a «velha guarda bolchevique», foram condenados por Lénine pela sua traição num dos momentos mais sérios da Revolução e que ele tentou obter a sua expulsão do Partido. Por outro lado, os bolcheviques que hoje trabalham em estreita colaboração com Stáline são operários que estão no Partido há 20 ou 30 anos e que ascenderam ao poder em resultado da sua acção na Guerra Civil, depois de Zinóviev e de Kámenev se terem desacreditado.

E no que respeita a Trótski, ninguém pode pretender que este homem esteve com Lénine anos antes da Revolução. De facto, foi ele quem em 1903 designou Lénine como «o líder da fracção reaccionária do Partido», que em 1917 disse que os «bolcheviques se tinham eles próprios desbolchevizado» e que «o sectarismo bolchevique» seria um «obstáculo à unidade». Hoje, numa recente entrevista ao *News Chronicle*, alude ao «novo conservadorismo» da direcção soviética – uma repetição directa dos seus ataques a Lénine desde 1903.

Mas mesmo quando integrou o Partido, entre Julho de 1917 – quando se tornou claro que só os bolcheviques poderiam conduzir as massas ao êxito – até à sua expulsão, Trótski opôs-se a Lénine, que contou com o total apoio de Stáline em sucessivas questões. Enquanto esteve à frente do Exército Vermelho, o que tornou Trótski famoso, existiram conflitos permanentes com a direcção do Partido, com Lénine e Stáline. Mas ao passo que Trótski ganhava fama com os seus discursos, Stáline era enviado de uma frente crítica de combate para outra como representante do Comité Central, determinando a política em curtos e concisos telegramas enviados a Lénine.

Quando Lénine morreu, Trótski enterrou todas as antigas querelas com Lénine. Nunca mais evocou as anteriores acusações de que os bolcheviques sob Lénine eram «burocráticos» e «reaccionários», mas iniciou os seus ataques agora contra a «burocracia stalinista», acusando Stáline de ter rompido com a política de Lénine.

É só quando os factos são vistos sob esta luz que se pode compreender a verdadeira posição de Trótski, Zinóviev e Kámenev, para mencionar apenas estes três. Todos os três são ex-dirigentes desacreditados que perderam a confiança das massas e que, por conseguinte, jamais poderiam ser reeleitos para cargos de direcção no Partido e no Estado. Eles são os Ramsay MacDonalds, Snowdens e Thomases do movimento operário russo.

Mas os Ramsay MacDonalds, Snowdens e Thomases foram desacreditados sob o capitalismo. Por isso, quando perderam a liderança do movimento operário, quando os trabalhadores os expulsaram, eles puderam continuar a encontrar meios para publicitar as suas personalidades – na política ou nos negócios capitalistas segundo a sua escolha – dentro do quadro do capitalismo.

Todavia na URSS, dado que os operários detêm o poder, um «líder» desacreditado não tem uma classe capitalista para lhe dar um emprego ou lhe financiar uma carreira política contra os trabalhadores. Na URSS é obrigado a sujeitar-se a trabalhar sob a direcção daqueles mesmos dirigentes que o substituíram. Em regra, um operário, reconhecendo a necessidade de uma disciplina de classe acima de tudo, consegue aceitar os seus erros e trabalhar em postos secundários quando derrotado numa questão. Mas os intelectuais revolucionários têm mostrado repetidamente em momentos de crise a sua tendência para colocar o seu prestígio pessoal antes de tudo o mais e lutar até ao fim contra os seus adversários políticos, mesmo que para isso tenham de sacrificar os próprios princípios que aceitam verbalmente.

Kámenev e Zinóviev tiveram de aceitar a liderança de Stáline – mas isso deixou-os ressentidos. A sua «independência» exigia que não se deixassem dominar por um líder eleito com o qual eles não concordavam. Por conseguinte, da oposição aberta passaram à luta clandestina. E assim entraram em contacto com outros que lutavam clandestinamente – os agentes fascistas na URSS.

Trótski foi expulso do país. Desde a sua expulsão nunca deixou de atacar a «burocracia stalinista». Mas se uma burocracia domina a URSS – então removendo-se a burocracia, Trótski poderia voltar como um herói! Isto de acordo com a teoria de Trótski de que todo o povo da URSS se encontra dominado por uma pequena «burocracia» contra a sua vontade, e que basta a «burocracia» ser removida para que ele possa ser acolhido como um libertador. Não será razoável supor que Trótski, pondo em prática a sua teoria, terá começado a trabalhar com todo o tipo de pessoas para suprimir os indivíduos que compõem a sua «burocracia» como forma de voltar ao poder?

Levanta-se então um argumento – o de que Stáline é um ditador pessoal, sem o apoio das massas, e que estes julgamentos por si só conduziriam a lutas de massas. Na realidade, não se materializaram quaisquer lutas de massas a não ser na imprensa fascista alemã, copiosamente citada pelo *Daily Herald* nos últimos dias. Entretanto, dois «velhos mortais», que estudam o movimento operário há 60 anos e têm analisado o modo de funcionamento da URSS, também eles colocaram a questão: «Será Stáline um ditador?» Eis a resposta de Sidney e Beatrice Webb, em *Soviet Communism*:<sup>5</sup>

«Em primeiro lugar, deve notar-se que, ao contrário de Mussolini, de Hitler e de outros ditadores modernos, Stáline não está investido por lei de qualquer autoridade sobre os seus compatriotas, nem mesmo sobre os membros do Partido ao qual pertence. Ele não tem os poderes alargados que o Congresso dos Estados Unidos conferiu temporariamente ao Presidente Roosevelt». (p.431)

«Se somos incitados a acreditar que Stáline é, com efeito, um ditador, podemos procurar saber se ele age, de facto, do mesmo modo que os ditadores habitualmente agem».

«Nós não pensamos que o Partido é dirigido pela vontade de uma só pessoa; ou que Stáline é o tipo de pessoa que reclame ou deseje tal posição. Ele próprio negou muito explicitamente qualquer ditadura pessoal em termos que, quer se acredite ou não na sua sinceridade, certamente estão de acordo com a nossa impressão sobre os factos.» (p.432)

«O Partido Comunista da URSS adoptou para a sua própria organização um modelo que nós descrevemos como comum a todo o processo de constituição soviética. Neste modelo não há lugar para a ditadura pessoal. As decisões pessoais são suspeitas e cuidadosamente mantidas sob prevenção. De forma a evitar erros devidos à parcialidade, irritação, inveja, vaidade e outros

---

<sup>5</sup> Sidney James Webb, (1859- 1947), economista e socialista britânico, e sua mulher Martha Beatrice Webb (1858-1943), socióloga, economista e socialista, foram fundadores da *Fabian Society* em 1884 e participaram na formação do Partido Trabalhista Britânico, tendo Sidney redigido grande parte dos seus estatutos em 1918, integrado o órgão executivo entre 1915-25, sido eleito deputado entre 1922-29 e exercido cargos governamentais em 1924 e 1929-31. Individualmente e em conjunto, o casal publicou profusamente, destacando-se nas obras conjuntas *Industrial Democracy* (1897), *The History of Trade Unionism* (1894), e *Soviet Communism* (1935).

destemperos, dos quais nenhuma pessoa está completa e permanentemente livre ou precavida, é desejável que a vontade individual possa ser sempre controlada pela necessidade de garantir a aceitação por parte dos colegas do mesmo nível, que, ao discutirem francamente um assunto, se tornam colectivamente responsáveis por uma decisão.»

Bem, já dissemos o suficiente sobre as alegações de que Stáline se encontra pessoalmente sozinho, tendo eliminado toda a «velha guarda bolchevique». A propósito, esta foi a primeira vez na sua história que o *Daily Herald* e o *Daily Mail* choraram lágrimas amargas em unísono sobre o destino dos «velhos bolcheviques».

E o mesmo se passa no que respeita à questão da «maquinação». É esta a questão que se coloca: por que é que todos os 16 homens acusados confessaram a sua culpa? Participaram de uma forma viva nos trabalhos do tribunal, todos demonstraram a sua conhecida capacidade para falar e replicar em público e, no entanto, confessaram-se «culpados».

E tal não se deveu ao facto de estarem a apodrecer no calabouço ou algo do género. Na verdade, o réu mais recentemente detido esteve em liberdade na URSS até Maio deste ano. De qualquer maneira, se tivessem sido maltratados na prisão, seguramente que alguns desses sinais teriam sido perceptíveis ao público ou, pelo menos, um deles teria feito uma qualquer declaração sobre o assunto!

Não – o facto é este: os prisioneiros tinham quatro alternativas. A primeira era declararem-se inocentes. A segunda, declarem-se culpados – fazendo discursos políticos contra o governo soviético, a «burocracia stalinista», e justificando o seu crime. A terceira, declarem-se culpados e não dizer mais nada. A quarta, confessar e dar uma explicação cabal das suas actividades. Para além destas possibilidades não havia nenhum outro caminho para eles – excepto o suicídio, via apenas escolhida por Tómski.

Declarar-se inocente era impossível porque as provas eram esmagadoras e todas estas pessoas o sabiam. Sabiam que provas suplementares poderiam ser reunidas contra si se tentassem provar a sua inocência.

Atacar o governo soviético e a «burocracia stalinista» era impossível porque há quase dez anos que estas pessoas não tinham absolutamente nenhuma linha política para opor à de Stáline. O facto é que a política de Stáline é um êxito e isto retirou aos seus oponentes qualquer possibilidade de um ataque político. Este facto é abertamente admitido pelos acusados.

Fora da URSS, a partir do seu refúgio na Noruega, Trótski lança uma política de «oposição». Trata-se de: a) proletarizar os elementos não-proletários na URSS; b) organizar Frentes Operárias em contraponto às Frentes Populares nos países capitalistas. Parece que todos os acusados estavam suficientemente a par da orientação política geral para perceber que apresentar uma tal linha no tribunal como a sua justificação política seria pior do que admitirem honestamente que não tinham nenhuma alternativa política real; isto é, nenhum programa político.

Efectivamente, a política de Stáline tem sistematicamente «proletarizado» os elementos não-proletários da população, e essa política está quase completamente concluída. No plano internacional, sugerir a desestabilização das Frentes Populares para no seu lugar formar Frentes Operárias dificilmente merece consideração.

E assim, perante todos aqueles homens, que não tinham nenhuma linha política e contra os quais as provas eram esmagadoras, apenas se apresentava a única possibilidade de se declararem culpados – com ou sem detalhes do seu crime.

Acontece que nenhum dos indivíduos levados a tribunal havia alguma vez na sua carreira política recusado a possibilidade de fazer um discurso para todo o mundo. E mantiveram-se fiéis ao seu carácter. No tribunal fizeram os seus discursos, deram sinais do seu velho orgulho ao «porem tudo em pratos limpos» e do seu velho brilhantismo oratório – e contaram a verdade ao mundo inteiro.

O jornal *The Observer*, de 23 de Agosto, que não nutre qualquer simpatia pelos bolcheviques, sejam da «velha guarda» ou novos, foi forçado a concluir:

«Stáline é agora o líder reconhecido do Partido unificado, cujo prestígio no país é hoje inquestionável».

«Os réus admitiram francamente que utilizaram o terror individual como o último recurso, tendo plena consciência de que o actual descontentamento no país não é suficientemente forte para os levar ao poder de outra forma (...)».

«É fútil pensar que o julgamento foi encenado ou que as acusações eram forjadas. O processo do Governo contra os arguidos é autêntico».

E agora, duas questões finais. Em primeiro lugar, diz-se que o julgamento foi «inoportuno», que terá sido um «erro político» realizá-lo neste momento. Claro que se tivesse sido uma «maquinação» montada propositadamente pelo Governo soviético, tal alegação seria justa. Porém, o que levaria o governo soviético, neste momento delicado nas relações internacionais a montar uma maquinação com o risco calculado de antagonizar as correntes liberais que, por todo o mundo, apoiam cada vez mais a política de paz soviética, mas que têm horror a sentenças de morte, mesmo que seja contra assassinos comprovados? Três hipóteses foram levantadas. A primeira é a de que o governo soviético queria provar que se «tornara respeitável». Mas os líderes soviéticos são suficientemente inteligentes para saber que julgamentos por traição nunca são susceptíveis de ganhar reputação de respeitabilidade nos círculos liberais, do mesmo modo que o bolchevismo enquanto tal nunca poderá tornar-se respeitável para os reaccionários, mesmo que alguém o pudesse destruir.

A segunda hipótese, que o julgamento se destinava a desviar as atenções dos acontecimentos em Espanha dentro da URSS! Isto quando os sindicatos soviéticos recolheram mais dinheiro para os operários espanhóis do que foi recolhido em qualquer outro país!

A terceira hipótese, que a agitação de massas estava a crescer na URSS. Mas se fosse assim, e se os homens que foram levados a julgamento fossem os líderes dessas agitações, então é absolutamente inconcebível que nenhum prisioneiro, com jornalistas estrangeiros e com microfones de rádio em frente deles, não tenha dito uma palavra para mobilizar tal desagrado, encorajar a multidão insatisfeita e avivar essa chama de descontentamento que rastejava por todo o país!

Só compreendendo que os acusados sabiam que não tinham apoio de massas, como declararam neste julgamento, se pode explicar a completa ausência de qualquer tentativa para mobilizar a opinião e a acção contra o actual Governo soviético.

E, finalmente, sobre a nova Constituição. Será que existe uma única palavra nesta Constituição que diga que terroristas, que planeiam actos de terror em cooperação com fascistas contra os dirigentes do Estado Soviético, não devem ser julgados e, se necessário, condenados à morte? Não, nem uma palavra. Isto porque enquanto existirem estados fascistas e capitalistas, existirão agentes capitalistas e fascistas na URSS; e enquanto o uso da violência for um princípio do capitalismo, aplicado em todas as formas do terrorismo bestial sob o fascismo, o Estado Operário precisará de usar a força para reprimir a força.

No julgamento de Moscovo foi dado aos réus o direito a um advogado de defesa e eles recusaram. Eles próprios confessaram a sua culpa e explicaram os seus crimes porque não tinham melhor forma de proceder.

Os velhos dirigentes desacreditados dos trabalhadores russos, os MacDonalds e os Snowdens da Rússia, não tinham uma classe capitalista que lhes patrocinasse a carreira política futura, por isso recorreram ao terrorismo clandestino e conluíram-se com a classe capitalista da Alemanha através dos seus agentes fascistas.

Sir Walter Citrine, esse líder dos operários ingleses ainda não completamente desacreditado, que já é famoso na imprensa nazi pelos seus ataques à URSS, protestou contra o julgamento,

pedindo a admissão de «advogados estrangeiros» para a defesa e que não houvesse «fuzilamentos». O *Daily Herald*, esse jornal «operário» ainda não completamente desacreditado, tem citado colunas de falsas alegações contra a URSS. Inventou o «desaparecimento» da senhora Czerski, esposa do representante do Comércio Soviético que estava em férias no país. Tem publicado notícias de «rumores em Moscovo» divulgadas pela Agência de Imprensa Alemã. E os nazis, nos seus programas de rádio, citam pilhas de notícias do *Daily Herald!*

O alinhamento dos «líderes» desacreditados na URSS com a Gestapo nazi para objectivos de terrorismo – que é agora o único método de luta possível contra a liderança dos operários soviéticos unidos – apenas se destingue no grau do alinhamento da ainda não completamente desacreditada «directão» sindical britânica e do *Daily Herald* com todo o aparato da propaganda nazi. Em ambos os casos os inimigos do movimento dos operários militantes, ao perderem o apoio das massas, estão dispostos a tudo para manter ou recuperar o seu poder. Na URSS isto tornou-se já uma luta de força física, como na Espanha. Na Grã-Bretanha é ainda um conflito de propaganda.

O *Daily Herald* cita as agências de propaganda de Hitler, e Hitler tem citado o *Daily Herald*. A sua política é a mesma.

Trótski, Kámenev, Zinóviev e outros receberam assistência da polícia secreta de Hitler e trabalharam com a ajuda de agentes nazis – a sua política era a mesma.

A sua política é: enfraquecer a União Soviética através da destruição da sua liderança e dividir a luta unida dos operários que avançam em aliança com as classes médias e com o campesinato de todos os países para combater o fascismo – de facto, conscientemente ou inconscientemente, pretendem reforçar a ofensiva fascista e a sua política de supressão do movimento operário em todos os países e de guerras de agressão por todo o mundo.

A nossa tarefa é expor estes planos e lutar com todas as nossas energias contra esta «frente unida» de todas as forças da reacção!